

Published by the University of Wisconsin Press



# Luso- Brazilian Review

Volume 40, Number 1  
Summer 2003

Est honorio dante caleda portugal

Dollus anta nals

**Volume 40, No. 1**  
**Summer 2003**

**SPECIAL ISSUE:**  
**ANTÓNIO VIEIRA AND THE LUSO-BRAZILIAN BAROQUE**

**Guest Editors: Thomas Cohen and Stuart B. Schwartz**

*ARTICLES*

- Introduction..... 1  
*Thomas Cohen*
- Some Reflections on Antonio Vieira:  
Seventeenth-Century Troubleshooter and Troublemaker..... 7  
*Dauril Alden*
- The Vieira Family and the Order of Christ ..... 17  
*Francis A. Dutra*
- The Contexts of Vieira's Toleration of Jews and New Christians..... 33  
*Stuart B. Schwartz*
- The Empire of the Future and the Chosen People:  
Father António Vieira and the Prophetic Tradition in the Hispanic World ..... 45  
*María V. Jordán*
- Uma Exegese do Capital ..... 59  
*Alcir Pécora*
- Judaism and the History of the Church in the Inquisition Trial of António Vieira ..... 67  
*Thomas Cohen*
- Vieira e os conflitos com os colonos do Pará e Maranhão..... 79  
*Maria Beatriz Nizza da Silva*
- António Vieira and the Justification of Indian Slavery ..... 89  
*José Eisenberg*

RELATED BOOKS REVIEWED

Review Essay: Um livro esperado

- José van den Besselaar, *Antônio Vieira: Profecia e polêmica* ..... 97  
 João Adolfo Hansen

Other Reviews

- Antônio Vieira, *Os autos do processo de Vieira na Inquisição*;  
 ———, *Apologia das coisas profetizadas*;  
 ———, *Sermões* ..... 110  
 Thomas Cohen
- Margarida Vieira Mendes, *A oratória barroca de Vieira*;  
 Alcir Pécora, *Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões  
 de Antonio Vieira*;  
 Antônio Vieira, *As lágrimas de Heráclito*;  
 ———, *Sermões italianos*;  
 Margarida Vieira Mendes, Maria Lucília Pires, J. Costa Miranda, eds. *Vieira escritor*. 116  
 Joan E. Meznar

- Antônio Vieira, *Clavis Prophetarum. Chave dos Profetas. Livro III* ..... 122  
 Adma Muhana

- Terceiro centenário da morte do Padre Antônio Vieira.*  
*Congresso Internacional. Actas* ..... 126  
 Antônio Camões Gouveia

- José Pedro Paiva, *Padre Antônio Vieira. 1608-1697 Bibliografia*;  
*Oceanos 30/31* ..... 128  
 Timothy J. Coates

- Manoel de Oliveira, dir. *Palavra e Utopia* ..... 130  
 Alcir Pécora

OTHER BOOKS REVIEWED

- Silviano Santiago, *The Space in Between: Essays on Latin American Culture* ..... 133  
 Lidia Santos
- Sônia Roncador, *A poética do esquecimento* ..... 134  
 Cláudia Nina
- José Luiz Foureaux de Souza Júnior, org. *Exercícios de leitura* ..... 137  
 Cristina Sáenz de Tejada
- David P. Appleby, *Heitor Villa-Lobos: A Life (1887-1959)* ..... 138  
 K. David Jackson

- Nuno Luis Madureira, ed. *História do Trabalho e das Ocupações. A Indústria Textil*. 140  
 Jaime Reis

- Andrew Kirkendall, *Class Mates: Male Student Culture and the Making of a Political  
 Class in Nineteenth-Century Brazil* ..... 141  
 Kirsten Schultz

- Seth Garfield, *Indigenous Struggle at the Heart of Brazil: State Policy, Frontier  
 Expansion and the Xavante Indians, 1937-1988* ..... 142  
 Jerry Dávila

- Thomas Allen Harris, dir. *É minha cara (That's my face)* ..... 144  
 Juan Egea

- CONTRIBUTORS ..... 147

Although his skill as a prophet has not yet been demonstrated, few question Antônio Vieira's immense literary talent. The artists of the baroque, not least among them Father Antônio Vieira, have left evidence of energy and extravagance that move audiences even today.

Joan E. Meznar  
Eastern Connecticut State University

Vieira, Antônio. *Clavis Prophetarum. Chave dos Profetas. Livro III*. Edição crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000.

Em 1994, uma equipe que incluía historiadores, latinistas, gramáticos e estudiosos da obra do padre Antônio Vieira, reunida no Congresso Gênese e Memória em São Paulo, ocorrido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, formalizou um projeto de edição da *Clavis Prophetarum*, aquela última obra de Vieira que, à sua morte, ficara incompleta, tendo-a ele ditado ao seu secretário, o padre Bonucci, nos últimos meses de vida, quando se encontrava quase totalmente cego e surdo. Além de professores e pós-graduandos da Faculdade, dessa equipe fazia parte Margarida Vieira Mendes, que, em suas freqüentes visitas ao Brasil, participou das discussões que, por fim, levaram ao esfacelamento da equipe inicial. Com empenho, resolveu levar adiante o projeto em Portugal, imprimindo-lhe, naturalmente, outras características. Dedicou-se a adquirir material para realizar uma edição crítica, deseja de sanar um dos tantos *non-senses* da bibliografia portuguesa, que há três séculos mantinha uma obra de tal autor inédita em arquivos. Infelizmente, no fim do ano de 1996, descobriu-se acometida por doença que, em menos de dois meses, veio a matá-la.

O tradutor convidado por Margarida Vieira Mendes para levar a cabo a imensa tarefa de traduzir do latim a *opera magna* de Vieira, Arnaldo do Espírito Santo, herdou a bibliografia por ela coletada e, naturalmente, imprimiu outras características ao projeto. O resultado é esta edição, que contempla a tradução do Livro III da *Clavis Prophetarum*, ao qual se deverá seguir outro ou outros volumes, relativos aos Livros I e II. É o que se deduz da nota introdutória: "É minha intenção que, com as devidas autorizações, o material pertinente venha a ser incluído na introdução geral ao primeiro volume desta edição" (p. XXI, grifos meus); e também na p. XX: "De todas estas questões se fará desenvolvida apresentação na introdução geral a incluir no primeiro volume desta edição".

O problema é que, tendo recebido um espólio não inteiramente organizado e, talvez, não suficientemente refletido por quem o recolhera, Arnaldo do Espírito Santo vestiu a pele do leão e, com dificuldades, lançou-se à tarefa de editá-lo, mesmo sendo patente sua falta de intimidade com as questões levantadas pela obra vieiriana. Destacarei um aspecto apenas para comprovar tal afirmativa, sem que com isso deixe de reconhecer o esforço e a oportunidade que teve em ser o último responsável pela tradução e edição de tão importante escrito.

O que merece ser discutido aqui é o papel deste Livro III no interior da *Clavis*, ideada por Vieira para ter quatro livros, não sendo porém esta a ocasião para discorrer sobre a tão intrincada e complexa questão da estrutura possível da *Clavis Prophetarum* nas diversas ocasiões em que Vieira a mencionou. Isso procurei fazê-lo em minha dissertação de mestrado, intitulada *Os recursos retóricos na obra especulativa de*

Antônio Vieira, e defendida em 1989 na mesma Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mas o editor, Arnaldo do Espírito Santo, justifica ter iniciado por esse Livro III a publicação da *Clavis Prophetarum* a conselho de Margarida Vieira Mendes, que, "tanto quanto se lembra", teria alegado para isso dois motivos (p. XIX): por o Livro III "falar mais directamente da *Pregação Universal do Reino de Cristo*, tema de reflexão de extrema actualidade no momento em que se aproximam as comemorações dos dois mil anos de Cristianismo" e porque "nele se concentram todos os problemas de edição e fixação do texto" (grifos do original). Ora, basta folhear a obra de Margarida Vieira Mendes, com seu cuidado em evitar anacronismos na interpretação dos textos vieiranos, para saber que jamais alegaria, como causa extrínseca, "comemorações de dois mil anos de Cristianismo" para iniciar uma edição da *Clavis Prophetarum* por este terceiro e último Livro. Em seus estudos sobre Vieira—na sua tese de doutoramento *A oratória barroca de Vieira*, mas também em escritos menores como "Vieira no Cabo de Não: os descobrimentos no Livro Antepimeiro da História do Futuro" ou "Comportamento profético e comportamento retórico em Vieira" e outros—a estudiosa importou-se sempre em esclarecer os fatores pertinentes à Igreja no século XVII, com sua teologia contra-reformada, dissociando-os daqueles pertencentes à instituição na modernidade, de modo a compreender, etiológica e historicamente, a atuação de Vieira no seio da cultura e da sociedade seiscentista. Quanto ao segundo motivo lembrado pelo tradutor, qual seja, o concentrar "problemas de edição e fixação do texto", claro está que esses não são apanágio do Livro III—como sabem todos os que já tivemos algum exemplar da *Clavis* em mãos—, mas razão geral para que a obra, como um todo e em suas partes, permanecesse até então inédita.

Se lermos o último artigo escrito por Margarida Vieira Mendes, "*Chave dos profetas: a edição em curso*" (em M. V. Mendes, M. L. G. Pires e J. C. Miranda, *Vieira Escritor*, Lisboa: Cosmos, 1997, p. 31-39), apresentado no Congresso Internacional Vieira Escritor, que organizou em Lisboa por ocasião do terceiro centenário da morte de Vieira, encontraremos ali as principais razões pelas quais julgou que uma edição da *Clavis* deveria principiar pelo tratado "Da pregação universal do Evangelho prévia ao último estado da Igreja", o qual corresponde, apenas, aos capítulos 3 a 9 do Livro III. Fundamentalmente, a razão era porque esse tratado—e não todos os nove capítulos do Livro III agora publicados, repito—constituía, para a pesquisadora, "uma parte orgânica da obra", da qual dependia, em termos lógicos, a discussão encetada nos dois primeiros Livros, relativa ao reino de Cristo na Terra e à consumação do terceiro estado da Igreja, ou Igreja triunfante (p. 35). Nisso, adotava o título que o padre Bonucci dera para esse terceiro Livro: "Disposições prévias para a consumação do Reino de Cristo" (grifo meu). Mas esta opção pelo encadeamento lógico e não seqüencial visava ainda a impedir que um discurso incompleto e fragmentado como o da *Clavis* fosse publicado como obra inteira—à semelhança da *História do futuro* editada por Lúcio de Azevedo e da *Apologia das coisas profetizadas*, por mim editada (p. 33). Margarida Vieira Mendes desejava preservar o caráter inconcluso de um escrito elaborado em tempos saltados, uns capítulos depois de outros que ocupariam Livros ulteriores. Só a lógica, e não um *continuum* narrativo, poderia impedir a indesejada ilusão de unidade numa obra sobre a qual o autor não pôde imprimir a última demão.

Ainda por esta razão, esse tratado do Livro III deveria ocupar um lugar cimeiro na *Clavis Prophetarum*: sendo voz comum dos estudiosos que fora escrita inteiramente na Bahia, onde o padre Vieira se recolheu a partir de 1681 até sua morte em 1697, Margarida encontrou menções nos livros I e II que demonstravam terem sido redigidos em Roma (p. 32), onde Vieira morou entre 1669 e 1675, depois de ter sido suspensa a pena inquisitorial que pesou sobre ele até junho de 1668, proibindo-o de se afastar do Reino sem autorização do Santo Ofício. Por indicações textuais internas, a estudiosa

inferiu que apenas o referido tratado "Da pregação universal do Evangelho" fora escrito na Bahia, em 1694 ou em momento posterior a essa data, constituindo-se assim o único trecho da *Clavis* a dever ser considerado da última fase de Vieira (p.35).

Isso importava para a pesquisadora porque julgava reconhecer nesse tratado um Vieira imerso em desconsolo, duvidoso das convicções que o teriam acompanhado por toda a vida, nomeadamente em relação à conversão dos índios. Nesse aspecto em particular, o tratado apresentaria uma "novidade" em relação aos sermões, cartas e outras secções da *Clavis*, nos quais a representação dos ameríndios, dizia ela, "é muito literária ou visionária" (p.38). Para Margarida Vieira Mendes, que tanta importância fornecia à experiência pessoal—ao ponto de, mimetizando Vieira, confiar a outrem, desconsolada e descuidosa, sua própria obra incompleta—esse tratado "Da pregação universal do evangelho" culminaria a obra de Vieira não por ser a *Clavis* algo espetacular, nem por ser a última visão do Profeta, mas, justamente, por ser sua derrota experimentada, *alucinada* (nesse fim, as proposições filosóficas de Fernando Gil se apresentam como iluminadoras para a estudiosa).

Todos esses eram motivos suficientes para o Livro III da *Chave dos profetas* aparecer, digamos assim, como seu frontispício, do mesmo modo como o Sermão da Sexagésima, ao qual Vieira atribuiu o lugar de portal de entrada para os *Sermoens*. Enfim, a escolha de principiar a edição da inconclusa *Clavis* pelo Livro III era bem fundamentada, embora se possa discordar da interpretação dada por Margarida Vieira Mendes a alguns dos motivos apresentados, como, por exemplo, supor uma guinada no pensamento de Vieira decorrente de um desengano agudizado pela proximidade da morte—e não uma *argumentatio* diferenciada, relativa a sua posição já não de missionário, já não de pregador, mas sim de só escritor. Afinal, fosse na Roma dos anos 70, ou na Bahia dos anos 90, alheado da cena política da realeza de Portugal, isto é, alheado de qualquer cena real, Vieira estava reduzido a escrever discursos cada vez menos deliberativos e cada vez mais epidícticos, em simulacros de cortes, como a da Rainha Cristina em Roma e a do famigerado Governador do Brasil em Salvador, Antônio de Sousa de Menezes. Só em estar fora da cena, na platéia dos eventos do reino, leio desengano e desconsolo na *Clavis*—que, por isso mesmo, como arma e antídoto, ambiciona ser *opera magna*, a interferir onde a voz não tem poder de chegar.

A proposta maior desse Livro III, a "ignorância invencível de Deus" por parte dos indígenas do Novo Mundo, com efeito, não parece refletir qualquer divergência em relação à conceituação feita por Vieira em outros seus escritos acerca do índio brasileiro, embora aqui haja um apelo destacado à experiência missionária—o que ocorre, aliás, também no *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*, de 1663-64, e na *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, de 1666. Contudo, o momento é outro. Aquilo que aparenta ser contradição insuperável relativamente à continuidade e permanência da atividade missionária (à qual Vieira dedicara grande parte de sua vida)—qual seja, a incapacidade de os indígenas conhecerem a Deus—é, na verdade, um dos maiores problemas que se colocam para a Igreja neste fim do século XVII, após duzentos anos de catequese no Novo Mundo. Como seus pares da Companhia de Jesus, Vieira, *grosso modo*, tem de responder à pergunta feita pelos colonos das Índias de Castela e de Portugal acerca da validade do esforço catequético, entre indígenas que continuam a demonstrar tão pouco conhecimento da doutrina católica e que recaem incessantemente nos mesmos costumes brutos, bárbaros, irracionais. Lembremos que 1694—data proposta por Margarida Vieira Mendes para a redação deste tratado "Da Pregação Universal do Evangelho"—é o ano em que, a mando de D. Pedro II, Vieira elabora um parecer acerca do pedido de administração dos índios por parte dos moradores de São Paulo, rejeitando a sem hesitar. A resposta teológica dada por Vieira, nesse tratado, à questão (que é um aspecto da mesma), revela, como sempre, argúcia ímpar. Depois de reafirmar a existência

futura de um terceiro estado da Igreja ulterior à pregação do Evangelho a todas as gentes, isto é, a gentios e judeus, condição determinada por Deus a fim de prover a todos os meios necessários à sua salvação, Vieira isenta os índios da mácula aparentemente incontornável de "extrema corrupção de costumes e depravação" (cap. IV, p.347), mesmo depois de terem ouvido a palavra evangélica, pelo "assombro" da providência divina:

Previu, pois o providentíssimo Senhor que os gentios que ignoram Deus invencivelmente, se lhes proporcionasse um ou outro meio, ou ambos, necessários para o conhecimento de Deus [a luz natural da razão e a doutrina dos pregadores], todos ou a maior parte deles haviam de cometer, com a própria fé, muitos pecados mortais, e por isso deveriam ser condenados às penas eternas do inferno. Pelo contrário, desprovidos desses meios, na ignorância de Deus, em que nasceram e foram criados, viveriam, envelheceriam e morreriam, havendo de ser isentos de metade, ao menos, daquelas penas, isto é, da pena eterna dos sentidos. Por que razão misericordiosamente o fez? Desistiu ou absteve-se de lhes conceder a perspicácia do intelecto e a pregação do Evangelho, e, negando estes dois benefícios, com um novo género de misericórdia, desta sorte providencia não providenciando. (cap. V, p.465-7)

Para concluir:

Os gentios adultos a que nos referimos são, devido à infidelidade, irracionais, e devido à ignorância de Deus, réprobos, porque, na verdade, não são predestinados, nem hão-de alcançar a eterna bem-aventurança. Contudo, devem ser salvos e constituídos num estado intermédio entre os bem-aventurados e os condenados, não felizes, mas menos infelizes, devido à sua ignorância. (idem, p. 481)

Deste modo, o fato de os índios se assemelharem aos jumentos, que não sabem que o são, não autoriza os colonos a os escravizarem, nem os pregadores a desistirem da catequese, pois a ignorância invencível que demonstram é ainda providência divina de meios para sua salvação. Terem permanecido desconhecidos e, agora, terem sido enfim descobertos, mais de 1400 anos depois da vinda de Cristo à Terra, demonstra que Deus não descuidou dos meios de salvá-los; mas demonstra também que a evangelização só dará seus frutos no tempo que Lhe for conveniente. Não apenas o esforço dos pregadores, fundamental, mas sobretudo a iluminação divina, única bastante, resultarão em algum momento, quando Deus for servido, em expansão da cristandade. Somente não se há de duvidar de que esses frutos estão garantidos, conforme as profecias, as quais asseguram um terceiro estado felicíssimo da Igreja, em que todos ou a maior parte dos homens serão cristãos—como toda a *argumentatio* vieiriana relativa ao assunto enfática e reiteradamente afirma, quer nas respostas aos inquisidores durante seu processo no Santo Ofício, quer na *Apologia das coisas profetizadas*, quer na *História do futuro* e nas demais obras de cunho profético.

Assim é que o Livro III aparece como pressuposto lógico daquele Livro I (acerca da natureza e qualidade do Reino de Cristo) e do Livro II (intitulado "Da consumação do reino de Cristo", segundo Bonucci). Finalmente, é em vista desse terceiro estado da Igreja, triunfante, que "Prerrogativas e maravilhas do Reino de Cristo consumado na Terra" deveriam ser expendidas num Livro IV, a abranger os capítulos ou tratados "Do templo de Ezequiel", "Da santidade do último estado da Igreja", "Da paz do Messias" e "As idades dos homens no reino consumado de Cristo", ainda segundo Bonucci.

Uma discussão mais alentada desses aspectos da obra de Vieira, porém, já não cabe aqui, tendo sido parcialmente efetuada em outro lugar, como disse. De toda a sorte, ela se

torna factível a um número mais amplo de pessoas e novos aspectos podem ser abordados porque, afinal, se fez essa edição da *Clavis*, crítica, bilingüe, com importantes índice e glossário onomástico—hábito louvável que se vem consolidando na edição de textos seiscentistas em língua portuguesa. É de se esperar que outros estudiosos tornem à empresa de editar a *Clavis Prophetarum*, escrito plural e indeterminado, imprimindo-lhe, naturalmente, outras características. Enquanto isso, que surjam os subsequentes volumes prometidos dessa edição, para além das comemorações do tricentenário, possibilitando ler o que restou daquele que, ainda roto, é suntuoso mosaico.

Adma Muhana  
Universidade Estadual de Campinas

*Terceiro centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Actas.* Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1999. 3 vols. ISBN 972-8090-10-2.

O ano de 1997 foi frutuoso em investigações centradas no Pe. António Vieira S.J., cuja vida se estendeu, em espaço atlântico, entre 1668 e 1697. Merecem destaque, ao nível de uma muito cuidada e criteriosa divulgação, um número temático da revista *Oceanos*, sob a orientação de António Hespanha e de Pedro Cardim (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, nº30/31) e o excelente friso de Aníbal Pinto de Castro, *António Vieira. Uma síntese do barroco luso-brasileiro* (Lisboa: CTT Correios de Portugal, 1997). A estas apertadas há que juntar o catálogo da exposição *Padre António Vieira, 1668-1697 (Novembro 1997-Fevereiro de 1998)* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1997) e o trabalho de recolha *Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999), ambos editados pela Biblioteca Nacional e comissariados criteriosamente por José Pedro Paiva. Por fim, são de mencionar duas referências bibliográficas importantes. A primeira, nasce da iniciativa da *Brotéria* (Lisboa: Companhia de Jesus, 1997, vol.145, nº4/5), revista que a Companhia de Jesus vem publicando há largos anos, e conta com contribuições originais e documentadas. A segunda, *Vieira escritor* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997), encerra as comunicações do Colóquio Internacional Vieira Escritor, uma organização da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, superintendida por Margarida Vieira Mendes, Maria Lucília Gonçalves Pires e José da Costa Miranda. Impõe-se, esta última, como um conjunto de estudos de elevada qualidade, preocupados com a pontualização, em cada caso, das apertadas mais recentes da investigação sobre o escritor da língua portuguesa que Vieira foi.

Entre 20 e 23 de Novembro de 1997 decorreu, em Lisboa, na Universidade Católica, um Congresso Internacional comemorativo do terceiro centenário da morte do jesuíta seiscentista. A iniciativa deste encontro ocasionou, já em 1999, o aparecimento de três volumes com 134 comunicações apresentadas (incluindo as conferências), num total de 2092 páginas de texto, numeradas de forma contínua (vol.I, p.1-710; vol.II, p.711-1396; vol.III, p.1397-2092). Os três volumes comportam, além das comunicações, os discursos institucionais e as homilias das cerimónias universitárias e religiosas acontecidas durante o Congresso (I, 35-60), algumas fotografias documentais (I, 16-17), a reprodução do Programa do Congresso (I, 17-34), assim como um Índice final onomástico (III, 2039-2080) e de autores (III, 2081-2091). O Índice onomástico inclui todos os nomes utilizados ao longo dos três volumes, listando indistintamente aqueles que estão compreendidos no corpo das comunicações e os que são referidos em notas bibliográficas

ou documentais, indistinação que poderia ter sido graficamente resolvida. Um conjunto de trabalhos como este merecia ter um índice geográfico e temático, auxiliares que seriam preciosos aos leitores, tal como acontece com o onomástico, apesar do limite referido.

O Congresso arrumou-se, para seu funcionamento em sessões plenárias e em secções. As Actas mantêm essa mesma arrumação, titulando de Conferências as comunicações feitas nas diferentes sessões plenárias ao longo dos quatro dias dos trabalhos. Como forma de aproximação aos conteúdos as titulações das secções podem servir de guia esquemático, como se faz na própria publicação (I, 15). Por necessidade de organização ou por terem sido pouco claros os conteúdos descritivos de cada secção, não nos parecem felizes algumas “arrumações” e, mesmo, o privilégio concedido a temáticas, problemas e posicionamentos documentais e historiográficos desvalorizando, ou não proporcionando abertura, a novas formas de aproximação ao Pe. António Vieira e aos seus diferentes mundos, geográficos, de poderes e do religioso. É este, porém, um pequeno aspecto logo ultrapassado pela massa crítica avançada na grande maioria das investigações aqui impressas.

Organizam-se as 134 comunicações em dez secções. Conferências (I, 61-229). O tempo de Vieira: a sociedade e a cultura de seiscentos (I, 231-390). Aspectos fundamentais da biografia de Vieira (I, 391-610). A acção política e diplomática de Vieira (I, 611-706). Acção missionária de Vieira (II, 711-832). A mundividência de Vieira: profetismo, messianismo e utopia (II, 833-1065). A mundividência de Vieira: Vieira e a mentalidade religiosa do séc.XVII. A teologia e a filosofia de Vieira (II, 1067-1392). O discurso literário de Vieira (III, 1397-1814). A recepção de Vieira na cultura portuguesa (III, 1815-1985). A didáctica de Vieira no Ensino Secundário (III, 1987-2037).

Procedamos a um pequeno exercício de recomposição destas secções. Verificamos que muitas se centram na “vida” de Vieira, nos seus mais variados aspectos, muitas vezes permitindo-se caminhar ao encontro dessa “vida” pela mão do próprio protagonista, ou então, construindo a partir do que é entendido por aspectos da “vida” a paisagem epocal, a “vida” de Vieira também é, muitas vezes por analogia, a sua “época”. Aqui se enquadram as comunicações que se distribuem por quatro secções: O tempo de Vieira: a sociedade e a cultura de seiscentos (dez comunicações); Aspectos fundamentais da biografia de Vieira (dezasseis comunicações); A acção política e diplomática de Vieira (sete comunicações). No todo estamos a falar de 33 comunicações a que juntaríamos quatro das conferências, isto é 27,6% das 134 comunicações. O segundo grupo que ordenámos tem no religioso, transbordado em “da Companhia de Jesus”, messianismo e profetismo, os seus tópicos de conteúdo. São as secções: Acção missionária de Vieira (nove comunicações); A mundividência de Vieira: profetismo, messianismo e utopia (dezasseis comunicações). A mundividência de Vieira: Vieira e a mentalidade religiosa do séc.XVII. A teologia e a filosofia de Vieira (vinte e quatro comunicações). Com três conferências de temática afim e um número de comunicações de 49, a percentagem ao total é de 38,8%. O terceiro grupo encerra a tónica literária na sua forma externa explícita ou, então, não o fazendo dessa forma, a análise de conteúdos permite-nos esta aproximação. As secções que lhe dão forma são: O discurso literário de Vieira (vinte e oito comunicações); A recepção de Vieira na cultura portuguesa (onze comunicações); A didáctica de Vieira no Ensino Secundário (quatro comunicações). A este grupo de duas conferências e de 43 comunicações corresponde um valor relativo de 33,5%.

Ao procedermos a esta reelaboração dos agrupamentos das comunicações, questionando, como dissemos, alguma imprecisão, mas respeitando a lógica estruturadora utilizada, podemos aproximarmo-nos de duas características comuns à maioria dos trabalhos aqui publicados: Vieira é, em primeiro lugar, o “imperador da língua portuguesa”, assim cantado por Fernando Pessoa, e, por dedução inerente a esta

predominância, os corpos privilegiados para estudo são literários, mais, são a *opera omnia* do Pe. António Vieira, nas suas múltiplas dimensões, quer de quantidade de material produzido, quer de conteúdos abordados. Constata-se, ainda, muitas vezes, a leitura do literário, do literário de Vieira, para abordar temáticas muito dispares e a pouca distância em relação às construções a que este notável artista e produtor foi sujeito, logo no imediato das suas actuações. Nada disto é estranho à bibliografia que Vieira tem suscitado. A preocupação literária, de "estilo", que muitas vezes é atracção para quem o estuda, é muitas vezes sedutora, mas peça exterior ao trabalho histórico. É o que se passa em muitas das comunicações aqui impressas. O pano de fundo dos tempos de conjuntura imediata ou de estrutura de permanências, dilui-se no que o Pe. António Vieira escreveu. Ou oralizou e, depois escreveu, problema que merece pouca atenção em tudo o que encerra. Porque o Pe. António Vieira é um jesuíta, português, do Portugal-Brasil atlântico, em tempo de afastamento da monarquia dual, e do pensar religioso e político pós-tridentino, da *Ratio* e da segunda escolástica. Por exemplo, muitas das comunicações, dispersas em várias secções, aproximam-se de temáticas relativas à divulgação e suas formas, e de aspectos das recepções, diferenciações de públicos, meios utilizados e objectivos pretendidos, mas não temos nelas grandes avanços nestas matérias, hoje fundamentais, para traçarmos percursos de vida e panoramas épicais mais dinâmicos e comprometidos com o narrar dos homens de ontem.

Em conclusão, estamos perante um corpo enorme de estudos, com variações de qualidade evidente entre eles mas, na sua flagrante maioria, sedimentados em documentos (repetimos, em primeiro lugar a *opera omnia* do jesuíta) e aferidos historiograficamente. Não são tão abundantes as inovações metodológicas, conceptuais ou temáticas, mas, quando estas existem dão corpo a matéria que as investigações futuras em torno ao Pe. António Vieira não deverão ignorar. Enfim, um ano de 1997 pleno de produção sobre Vieira, na qual estes três volumes de Actas são uma peça central.

António Camões Gouveia  
Universidade Nova de Lisboa

Paiva, José Pedro, ed. *Padre António Vieira. 1608-1697 Bibliografia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1999. 500 pp. ISBN 972-565-268-1.

*Oceanos* 30/31 (abril/setembro 1997). Lisboa: CNCDP. Special issue dedicated to Padre António Vieira. 254 pp.

Professor Paiva's bibliography of Vieira was published in 1999 by the Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL). It developed from an exhibit honoring the three-hundredth anniversary of Vieira's death, held at the BNL from November 1997 to February 1998. However, this bibliography is much more than a straightforward catalog of that exhibit. Paiva's work is a very comprehensive listing of all known works written by Vieira and many additional texts that mention him in one way or another. Professor Paiva has gone well beyond the Vieira holdings of the BNL (which are extensive) to include materials from twenty-three other libraries and archives in Portugal, Italy, Spain, Germany, France, Belgium, Austria, the United Kingdom, Ireland, the United States, and Brazil. In short, he has left no stone unturned in his search for Vieira materials.

The bibliography is divided into two sections: First (what Paiva calls the "active bibliography") are manuscript and printed works written by Vieira. Both the manuscript and the printed sections are subdivided into nine categories based on the nature of the

writing: 1. Sermons; 2. Letters; 3. Messianic Writing; 4. Intervention (on missions in Brazil, on the Indians, New Christians, etc); 5. Literary/Theological; 6. Other writings; 7. Works of dubious authorship attributed to Vieira; 8. Works erroneously attributed to Vieira; and finally 9. Works inspired by Vieira's *Clavis Prophetarum*. The section on printed works is further subdivided into Portuguese and non-Portuguese publications. This "active" section is the bulk of the bibliography and forms some 334 pages (of a total of 500).

The second section of the bibliography (the "passive" bibliography) lists books and articles that mention Vieira, organized alphabetically by the author's last name. This alone is a sizeable bibliography on Vieira, comprising some 160 pages.

Each entry in both sections is numbered (1-2262) and described in detail. In the case of a work by Vieira, Paiva has listed its complete title, date, noted if an original or a copy, and in which of the principal collections of Vieira's works this item was published and where. Finally, Paiva notes in which archives or library the work is held. The section on the secondary literature indicates author, title, date and place of publications and includes a location index. The last forty pages are devoted to a list of abbreviated titles used in the body of the work and four distinct indices: 1. By reference (*cota*) number (manuscripts); 2. To whom the work was addressed (manuscripts); 3. Names; and 4. Titles. The combination of a highly organized and extremely complete work with such various indices allows the reader to quickly and easily locate the exact material desired.

This is an important new comprehensive bibliography on Vieira, one that scholars should note. I concur completely with what Carlos Reis writes in the preface "... this bibliography now becomes a fundamental instrument for those who wish to know ... the cultural legacy of Father António Vieira" (p. 14).

The special issue of *Oceanos* is a lavish tribute in word and image to Vieira. As with previous issues of this magazine published by the National Commission for the Commemoration of the Portuguese Discoveries, *Oceanos* is filled with beautiful illustrations (both black and white as well as many in color) that accompany each of the fifteen articles on aspects of Vieira's life and work.

Each of the articles is short, some only three or four pages in length. Some of the articles are not directly linked to Vieira but deal with themes surrounding his life and times. Given their brevity and the numerous illustrations (see below), these are really fifteen short reflections on various specific aspects of Vieira and his life and times. They can be divided into four major categories: philosophy/theology, missionary work, the political man and his times, and finally Vieira and the arts.

In the first category (philosophy/theology), there are four articles:

Vaz Pinto, "The Image of God in the Writings and Deeds of Vieira;" Canaveira and *The Princeps Perfectus* in Vieira's oratory; Espírito Santo and the *Clavis Prophetarum*; and Smulders on Vieira's use of language.

There are two articles specifically on missionary work: Gonçalves Pires, "The Prototype of the Missionary in Vieira's Texts," and Castelnau-L'Éstoile on Vieira the missionary and salvation.

Vieira the man and the politics of his day includes six articles: Vilela on Vieira and black slavery in Bahia; Cartita and Jesuit schools in the Azores and Madeira; Folch on Vieira's texts in Spain; Couto on Vieira and the Dutch period in Bahia; Cardim on Vieira as an emissary for King D. João IV; and Menezes de Athayde on Vieira and the Bahia of his day.

Three articles focus on Vieira and the arts: Fernandes Pereira on Vieira and the Arts of his day; Serrão on Baroque Portugal and Vieira; and Moura Sobral on the Arts in Bahia at the time of Vieira.